

Literatura e História

A presente bibliografia selectiva reúne, a partir de um campo bibliográfico muito vasto (e de limites imprecisos, acrescente-se) um conjunto de títulos que visam sobretudo três aspectos distintos: 1) A relação entre narrativa literária e narrativa histórica, pelo eixo comum da **temporalidade**; 2) A relação entre romance e História, sobretudo ilustrada pela vigência culturalmente localizada do **romance histórico**; 3) A projecção dos problemas enunciados em obras de autores cuja produção ficcional valoriza os **cruzamentos** com a História. Deste modo, os títulos a seguir descritos devem ser entendidos como um elenco em conexão com domínios teórico-metodológicos, títulos e autores representados, nas obras aqui referidas, quer de forma explícita, quer em filigrana: a fenomenologia do tempo (e em especial os trabalhos de Paul Ricoeur), a narratologia, a filosofia da História, a hermenêutica, a história literária, etc.

CARR, David – *Time, Narrative, and History*, Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, 1991, 189 pp.

O ponto de partida do livro de Carr é a ambiguidade do termo **História**: ele designa aqui o conhecimento adquirido através dos historiadores, condicionando a imagem que detemos do passado. Para Carr, a narrativa constitui um modo primordial de organizar a experiência do tempo; simultaneamente, a estrutura narrativa impregna a nossa existência social. Sustentada por estas bases, a análise da relação entre narrativa e História remete para uma perspectivação literária do relato histórico. A partir de obras de H. White, L. Mink e P. Ricoeur, Carr propõe-se regressar da postulação da narrativa historiográfica como **produto literário**

até à ponderação da **experiência histórica** que precede a escrita da História; nesse estágio remoto localizam-se propriedades primordiais da realidade, propriedades que encontram configurações específicas nas narrativas históricas e nas narrativas ficcionais.

CHAVES, Flávio Loureiro – *História e Literatura*, Porto Alegre, UFRGS/Ed. da Universidade, 1988, 94 pp.

Os textos reunidos neste volume abordam essencialmente «a fronteira entre história e literatura» (p. 9). Este conjunto de estudos conduz ao entendimento da relação entre ficção e História enquanto conexão que se deve processar, no campo literário, com base num posicionamento ideológico específico: a necessidade de, pela Literatura, atualizarmos o nosso passado no discurso da memória (individual e colectiva). Isto explica o motivo por que o autor confere uma atenção especial a José de Alencar, às *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, à ficção de Erico Veríssimo, às *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, à análise do 'gaúcho' em várias obras brasileiras e, numa segunda parte do livro, à leitura de textos de Lilian Hellman, Marguerite Yourcenar, Ramón del Valle-Inclán, Jorge Luis Borges, Konstantinos Kaváfis e Umberto Eco. Nunca esquece, contudo, uma premissa primordial: «Não podemos 'ensinar' literatura. Com alguma sorte podemos, isto sim, partilhar aquele momento inaugural da leitura, confrontando o texto e o nosso mundo presente. É aí que se começa então a tratar de história e literatura» (p. 12).

FREITAS, Maria Teresa de – *Literatura e História: O Romance Revolucionário de André Malraux*, São Paulo, Atual Editora, 1986, 97 pp.

Um estudo essencial para a compreensão da importância do papel da História não só como pano de fundo do discurso literário, mas fundamentalmente como «tema» desse discurso. Analisando duas obras de

André Malraux – *Os Conquistadores* (1928) e *A Condição Humana* (1933), romances que têm como referente a Revolução Chinesa de 25-27 – , a autora chama a atenção para o facto de estas duas obras, embora apoiadas em elementos verídicos, ultrapassarem os limites impostos pelos limites históricos, por serem obras de arte e, como tal, resultarem de um trabalho estético sobre o «referente extratextual histórico». Por isso, sublinha recorrentemente que, em qualquer um dos dois romances, não estamos em presença de «História romanceada», mas sim de universos discursivos em que Malraux consegue captar as estruturas subjacentes ao acontecimento histórico, em que Malraux ‘interroga’ a História. Maria Teresa de Freitas procura responder a uma questão omnipresente neste seu livro: «Porquê a História nos romances de Malraux?» A esta pergunta, responde: «A História, porque é nela que se encontra o esquema de base da tragicidade da condição humana» (p. 63). O livro termina com uma útil bibliografia comentada sobre André Malraux, sobre a questão da ‘referência’ e sobre as relações entre Literatura e História.

GOSSMAN, Lionel – *Between History and Literature*, Cambridge/ Massachusetts/London, Harvard University Press, 1990, 412 pp.

Especialmente importante para um estudo da relação entre História e Literatura, esta obra, onde estão reunidos vários artigos escritos entre 1971 e 1989, analisa diversas facetas dessa relação. Numa primeira parte, o autor tem em conta sobretudo a questão da educação literária, assim como a da historicidade da Literatura, explorando as implicações sociais e políticas das noções que temos desse conceito. Numa segunda parte, equaciona o entrelaçamento da História e da Literatura na própria escrita da História (mostrando como as narrativas literárias, a filosofia e a política estão inextricavelmente ligadas nos textos de dois grandes historiadores românticos: Augustin Thierry e Jules Michelet). Uma

visão diacrónica e sincrónica da relação entre Literatura e História constitui o ponto central dos capítulos finais. No último ensaio, o autor estuda a dupla questão do lugar da narrativa na historiografia e da alegada incomensurabilidade das narrativas históricas. Subjacente a todas estas questões encontra-se a crença em duas noções: a de que nem a História, nem a Literatura oferecem, quando consideradas isoladamente, uma base de apoio sólida e a de que, em termos conclusivos, mais do que relações entre História e Literatura ao longo dos tempos, trata-se antes de relações entre narrativas ficcionais e narrativas históricas.

LEVIN, David – *Forms of Uncertainty. Essays in Historical Criticism*, Charlottesville/London, University Press of Virginia, 1992, 319 pp.

Mais do que prescrever um método singular para o estudo da Literatura e da História, este conjunto de ensaios (escritos e publicados entre 1964 e 1990) alerta para a necessidade de se estudar um domínio com a consciência do outro, bem como para os perigos que se poderão encontrar se um for estudado sem a compreensão do outro. Defendendo que nenhum dos dois campos de estudos (literários ou históricos) dá uma visão absoluta e completamente correcta, este professor de artes e ciências acentua que o estudo da Literatura requer também um profundo estudo quer do contexto histórico, quer do contexto da(s) personalidade(s) estudada(s). De um modo geral, os capítulos – onde são abordadas questões de técnica literária juntamente com outras de interpretação e juízo históricos – são agrupados de acordo com um objectivo primordial: sublinhar a crença de que as questões históricas e literárias se esclarecem mutuamente. No seu todo, à presente obra preside a noção de que o elemento ‘incerteza’ deve estar inerente a qualquer interpretação crítica de factos históricos e/ou literários.

LUKÁCS, Georg – *La Novela Histórica*, Mexico, Ediciones Era, 1966, 452 pp.

Considerado um dos principais críticos marxistas, Lukács, nesta obra – hoje, ainda referência obrigatória nos estudos literários, embora tivesse sido redigida entre 1936 e 1937, nos tempos da Frente Popular –, analisa fundamentalmente dois aspectos gerais: as linhas principais respeitantes à acção recíproca entre o espírito histórico e a Literatura e a relação entre o desenvolvimento sócio-económico e a cosmovisão e formas artísticas que procedem desse desenvolvimento. Tendo como base estes dois vectores, estuda, então, as diferenças entre o romance e o drama históricos, procurando demonstrar que elas decorrem do facto de que tanto um como outro não só correspondem a visões diferentes da realidade (o que implica uma variedade na forma do conteúdo e na forma da expressão), como ainda se fundam nas características do público a que se destinam. A este propósito, examina a emergência dos romances históricos de Walter Scott, a conexão que essa emergência mantém com as transformações político-económicas que se fizeram sentir na Europa após a Revolução Francesa e o desenvolvimento do romance histórico; sem fornecer uma história completa, demonstra que os problemas formais deste romance são reflexos das revoluções histórico-sociais: «[...] la evolución de la novela histórica revela con gran claridad cómo detrás de los problemas aparentemente sólo formales, constructivos [...], ocultan problemas político-ideológicos de máxima importancia» (p. 419).

RAMA, Carlos M. – *La Historia y La Novela*, 2ª ed., Madrid, Editorial Tecnos, 1975, 167 pp.

Constituindo uma obra importante para o estudo das relações entre História e romance, ela é, em parte, o desenvolvimento de alguns estudos de um outro livro do autor, *Teoría de la Historia*. Do ponto de vista metodológico, *La Historia y La Novela* situa-se no campo de estudos

quer da lógica das ciências, quer da historiografia; de entre os vários problemas aqui estudados, importa realçar os que dizem respeito ao aparecimento do romance e da História (como verdadeira disciplina sistematizada), ao aparecimento e posteriores críticas a que foi sujeito o romance histórico, aos principais representantes dos estudos históricos ao longo dos tempos e também ao desenvolvimento do romance nos tempos modernos (nomeadamente a partir do século XVIII). O século XVIII foi o século da Filosofia; por isso, segundo o autor, o romance foi 'filosófico'. O século XIX foi o século da História; por isso, também segundo o autor, o romance foi 'histórico'. O século XX é um século de crises, pelo que aumenta a importância da História e, conseqüentemente, a necessidade de uma cada vez maior interrogação sobre o nosso passado. Essa questionação passa não só pela revalorização do romance, mas ainda pelo género biográfico; como afirma Carlos Rama, o romance, no século actual, «comienza a utilizar el material histórico en el terreno de la biografía, en forma similar como trató de reconstruir épocas a comienzos del siglo pasado» (p. 32).

WEIMANN, Robert – *Structure and Society in Literary History: Studies in the History and Theory of Historical Criticism*, Baltimore/London, Johns Hopkins University Press, 1984, 330 pp.

Considerado como um dos principais teóricos da actual crítica literária germânica, Robert Weimann aborda a relação entre História, Literatura e actividades sócio-económicas, defendendo, de uma maneira geral, a inter-relação entre a «apropriação do mundo» (por parte de quem escreve e/ou de quem lê), a revelação dos «sentidos» do homem e as suas «faculdades estéticas». Em sua opinião, esta deve ser a perspectiva através da qual Literatura e História são susceptíveis de serem percebidas como «apropriações imaginativas do mundo». A preocupação com estas duas categorias leva-o ainda a perfilhar a ideia segundo a qual os textos literários e a «função social» estão indissociavelmente ligados; não é difi-

cil encontrar nessa posição uma crítica ao *New Criticism* e ao Estruturalismo. O autor de *Shakespeare and the Popular Tradition in the Theater* reequaciona ainda o conceito de 'tradição', analisa o desenvolvimento da história literária americana e revê a interpretação que a crítica tem fornecido da imagética shakespeareana. Num capítulo conclusivo, apresenta um coerente e sistemático exame de posições pós-estruturalistas sobre o conceito de 'representação' e de 'mimesis', entre outros.

WESSELING, Elizabeth – *Writing History as a Prophet. Postmodern Innovations of the Historical Novel*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub. Company, 1991, 218 pp.

O objectivo central do presente estudo pode dizer-se sintetizado nas seguintes palavras: «Reavaliar a relação do post-modernismo com o histórico e com o político tendo em atenção a ficção histórica» (p. 13). Para tal, Wesseling propõe-se cumprir um trajecto que parte da postulação dos géneros como convenções históricas (cap. II), observa a evolução e transformação do romance histórico desde o início do séc. XIX (caps. III e IV), até à análise de práticas post-modernistas (caps. VI e VII sobretudo). Essa análise considera inovações post-modernistas de duas espécies: as constituídas por romances em que a História surge como tema de indagação auto-reflexiva e as que consistem numa reinvenção de teor apócrifo e utópico da História. O estudo aparece devidamente enquadrado pela verificação de um significativo interesse da literatura post-modernista pelo passado, até ao ponto da questionação do conhecimento histórico.

WHITE, Hayden – *Tropics of Discourse. Essays in Cultural Criticism*, Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press, 1978, 287 pp.

Reunindo textos dispersos por diversas publicações, o livro de White retoma problemas metahistóricos, em parte contemplados já numa obra

mais antiga (*Metahistory. The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press, 1973). É de novo o conhecimento histórico que está em causa, condicionado por dois factores: pela narratividade que o modeliza e pelos mecanismos discursivos que, em contexto narrativo, o elaboram. Em quatro capítulos fundamentais («Interpretation in History»; «The Historical Text as a Literary Artifact»; «Historicism, History and the Figurative Imagination»; «The Fictions of Factual Representation») White sublinha o carácter contingente da representação da História, a sua dimensão paraficcional, o recurso a procedimentos de usual funcionalidade literária, a proeminência dos clássicos da historiografia, etc. Asserção que resume o essencial do pensamento de White: «Do meu ponto de vista, a História é, presentemente, uma disciplina em má forma porque perdeu de vista as suas origens na imaginação literária» (p. 99).

WHITE, Hayden – *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*, Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press, 1987, 244 pp.

Nesta obra, constituída por vários ensaios anteriormente publicados, o autor aborda questões centrais que dizem respeito quer ao problema da relação entre o «discurso narrativo» e a «História», quer à questão da adequação do discurso narrativo para representar eventos reais. Assim, centra fundamentalmente a sua atenção sobre problemas como o valor da narratividade na representação realista, a narrativa na teoria da história contemporânea, a atitude interpretativa da moderna historiografia, o papel de importantes teóricos da história da narrativa (Johann Gustav Droysen, Michel Foucault, Fredric Jameson, Paul Ricoeur), questões metodológicas da historiografia intelectual, etc). À leitura de todos estes termos subjaz o equacionamento do «conteúdo da forma» do discurso narrativo no pensamento historiográfico. Deste

modo, o autor concede à problemática da relação entre «discurso narrativo» e «representação histórica» uma importância nuclear, lembrando que a «narrativa» da história não é um discurso neutro, pois implica um posicionamento avaliativo do autor desse discurso. O meio mais apropriado para falar dos eventos reais parece ser, então, o discurso «não-narrativo» das ciências físicas; porém, defende, «o evento 'real' não assenta na distinção entre verdadeiro e falso [...], mas na distinção entre real e imaginário» (p. 57).